



Milagres...
HOJE

Páscoa

contato.porto@gmail.com

2

Por causa da Páscoa, a esperança do homem não se limita mais apenas ao plano da possibilidade humana. Jesus morreu e ressuscitou. Agora, qualquer coisa que Ele possa fazer, nós também podemos. Só precisamos olhá-IO nos olhos, e o milagre da Páscoa se tornará realidade na nossa vida também. —Karen Bradford

A Ressurreição

Louis Cassels


O que realmente aconteceu? Um distinto jornalista da UPI examina os fatos ao redor do mais extraordinário evento da História.

Depois que Jesus foi crucificado, José de Arimatéia e Nicodemos removeram o corpo de Cristo da cruz e o enterraram na tumba pessoal de José, situado em um cemitério privado perto de Golgotá. Eles rolaram uma grande pedra na entrada da tumba e partiram. As leis judaicas acerca de observar-se o Sábado sagrado eram rígidas. Eles proibiam qualquer tipo de trabalho manual, inclusive a preparação de um cadáver para o enterro. O corpo de Jesus foi colocado na tumba logo antes do Sábado sagrado começar oficialmente. O trabalho de ungir o corpo com especiarias de embalsamar — costumeiramente feito por parentes e amigos — teve que esperar até o Sábado terminar. Logo cedo no domingo, enquanto ainda estava escuro, Maria Madalena e duas outras mulheres foram para a tumba com a intenção de embalsamar o corpo de Jesus. Elas chegaram logo no amanhecer. A pedra fora rolada da entrada. A tumba estava vazia.

Essa é a história relatada pelos Evangelhos. Se você acha difícil de acreditar, as primeiras pessoas a ouvirem também pensaram assim. Quando as mulheres apavoradas correram de volta para a casa onde os discípulos estavam escondendo, o relatório delas foi à princípio ignorado como "bobagem". Até mesmo em nossos dias, alguns teólogos cristãos expressam a convicção de que o corpo de Jesus permaneceu na tumba e eventualmente apodreceu como todos os outros corpos humanos; que quando os discípulos proclamaram o Seu retorno da morte, eles só quiseram dizer que Ele tinha novamente ressuscitado em suas vidas, mentes e corações.

Esta interpretação de "desmistificação" tem grande aceitação por todos incapazes de aceitar a possibilidade de que Deus poderia intervir na operação da natureza para trazer um morto à vida.

Mas por mais congenial que seja para a mentalidade de nossa era, o conceito de uma ressurreição puramente espiritual é difícil enquadrar com os fatos históricos como nós os conhecemos, não só do Novo Testamento, mas também de outras fontes.



É historicamente estabelecido com toda a clareza de que dentro de pouco tempo depois de Jesus ser crucificado, os Seus discípulos começaram a proclamar que Ele ressuscitara da sepultura. E proclamaram isso publicamente em Jerusalém. Era obviamente do interesse das autoridades judias e romanas impedir a propagação desta história. E eles poderiam tê-lo feito rápida e conclusivamente ao simplesmente mostrarem que o corpo de Jesus ainda estava na tumba. O fracasso deles em empregar esta perfeita refutação fortemente sugere que eles não puderam apresentar o corpo.

É claro que uma tumba vazia não significa por si só que seu ocupante voltou à vida. O corpo poderia ter sido secretamente retirado pelos seguidores de Jesus a fim de dar credibilidade à sua pregação de uma ressurreição.

Qual é o problema com a teoria do furto cadavérico? Sua falácia básica é que significaria que os seguidores de Jesus estariam falando uma mentira deliberada quando disseram que Ele ressuscitara por um ato de Deus. E qualquer idéia como essa contradiz tudo que sabemos sobre a natureza humana. Como o historiador do Novo Testamento Daniel P. Fuller mostrou, os discípulos "pregaram a ressuscitação de Jesus pondo suas vidas em risco" e "as pessoas não arriscam a vida pelo que sabem ser uma fraude."

Outra explicação é que Jesus não morreu efetivamente na cruz, mas somente entrou em um coma similar à morte, quer de choque ou de beber vinho impregnado com alguma droga. Esta explicação levanta mais perguntas do que responde. Por exemplo: será que legionários romanos eram tão ingênuos a ponto de entregar um criminoso condenado para seus amigos sem primeiro assegurarem-se de que estava morto? Os Evangelhos registram que eles tomaram tal providência: embora Jesus parecesse já estar morto, eles enfiaram uma lança profundamente no seu lado para aniquilar qualquer possibilidade de vida.

Suponha que Jesus tenha reavivado na tumba. Ele teria estado em condição crítica depois de seis horas de tortura na cruz e pela perda de sangue após a ferida da lança. Será que tal moribundo poderia ter rolado uma pedra pesada e ter voltado para Jerusalém sem ajuda?

Na verdade, a Igreja primitiva deu tão pouca importância probatória à tumba vazia que não fez nenhuma tentativa de harmonizar os contos dados pelos quatro Evangelhos das circunstâncias que assistem a sua descoberta. Cada Evangelho tem uma versão ligeiramente diferente de quem acompanhou Maria Madalena, o que foi dito e feito no cemitério, e o que aconteceu depois disso. Alguns sentem que essas discrepâncias lançaram dúvida na autenticidade da História. Mas o efeito delas em um homem como eu, que passou a vida no negócio de recolher notícias, é exatamente o oposto.

Sempre que se recolhe depoimentos de testemunhas oculares de um evento — particularmente de um evento assustador ou inesperado — pode-se esperar um bom nível de variedade, e até mesmo contradições diretas, nos detalhes específicos. Se eu lesse quatro relatos diferentes de um acontecimento dramático e visse que todos concordam em tudo, eu teria bastante certeza de que alguém mexera nos relatórios originais para fazer com que se assemelhassem. Ao mesmo tempo, as variações nos relatos dos Evangelhos geram em um repórter a convicção intuitiva de que esses são registros fielmente preservados de um evento real. Este não é só o meu sentimento pessoal; outros jornalistas têm a mesma reação.

A tumba vazia, seja lá como for explicada, é evidência secundária. É bastante evidente nos Evangelhos de que os discípulos em si nunca teriam sido convencidos de que Jesus voltara à vida somente pela tumba vazia. Eles só acreditaram na ressurreição porque viram a Jesus e falaram com Ele, não uma vez, mas em várias ocasiões após Sua morte.

O mais antigo registro das aparições de Jesus aos Seus discípulos encontra-se numa carta que o apóstolo Paulo escreveu para a igreja em Corinto aproximadamente 56 DC. Nela ele relacionou as pessoas que tinham visto o Jesus ressuscitado: primeiro, Pedro; depois todos os apóstolos; depois "mais de 500 dos Seus seguidores de uma só vez, *a maioria dos quais ainda estão vivos. ...*"

O itálico é meu. Acho tremendamente significativo que Paulo estava preparado para sustentar sua declaração sobre o testemunho de várias centenas de testemunhas oculares que estavam vivas e disponíveis para questionamento na ocasião em que ele escreveu.

Mas até mesmo pode se dar descontos a relatórios de testemunhas oculares como alucinação em massa. Entretanto, este diagnóstico de alucinação só é convincente quando as pessoas envolvidas são um tanto nervosas, sensíveis, imaginativas. Mas os discípulos eram exatamente o oposto. Estes fazendeiros, pescadores, e cobradores de impostos eram tão destituídos de imaginação que Jesus freqüentemente teve que explicar Suas parábolas antes de eles entenderem o ponto.

A evidência máxima da ressurreição, é claro, é a existência da Igreja Cristã.

O eixo central da História da ressurreição para a fé cristã foi expressado veementemente pelo apóstolo Paulo. "Se Cristo não ressurgiu, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé", ele disse aos cristãos coríntios. "Se Cristo não ressurgiu, então sua fé é uma ilusão. ... pior, somos considerados como falsas testemunhas de Deus, pois testificamos contra Deus, que ressuscitou a Cristo. Mas de fato Cristo ressurgiu dentre os mortos" (1 Coríntios 15:14-15, 20 parafraseado).

Desde seus primórdios, a Igreja asseverou importância básica à afirmação de que Jesus voltou à vida depois de ter sido crucificado, morto e enterrado. Por quê? Não foi por ter sido um milagre tão espetacular que a ressurreição impressionou os discípulos. Eles tinham visto Jesus fazer muitas coisas extraordinárias, e eles não duvidavam da habilidade de Deus para ressuscitar um cadáver se Ele escolhesse fazê-lo.

O que importava aos discípulos era que Deus escolheu fazer assim no caso de Jesus. Para os discípulos — e para milhões de cristãos desde então — a Ressurreição é o selo de aprovação de Deus nas coisas que Jesus fez e disse. Vindica a declaração de Cristo a um relacionamento especial com Deus — e se coloca como o mais extraordinário evento da História.

As pessoas não arriscam a vida pelo que sabem ser uma fraude.

— Daniel P. Fuller

